

## **O HOMEM QUE COPIAVA**

*A vida é original ... o resto é cópia.*

Sueli de Oliveira Rocha

### **Ficha técnica:**

**Título original:** O homem que copiava

**Gênero:** Comédia romântica

### **Sinopse:**

O que você faria se desesperadamente precisasse conseguir R\$ 38,00 para se aproximar de quem ama? Acompanhe as peripécias de André, garoto de 20 anos, que mora com a mãe e trabalha como operador de fotocopiadora numa papelaria em Porto Alegre. É apaixonado pela vizinha, que mora com o pai e estuda à noite. Tem dois amigos: Marinês e Cardoso. Sua rotina: durante o dia, tira cópias; à noite, com um binóculo, da janela de seu apartamento espiona o quarto da amada. Um dia, ele a segue às escondidas. Descobre que ela se chama Sílvia e trabalha como balconista em uma loja de roupas femininas. Você já ficou sem saber o que falar na frente da pessoa amada? Então sabe o que se passou com André quando, sem ter um centavo, disse à Sílvia que queria comprar uma roupa para dar de presente à mãe. Como conseguir R\$ 38,00? Os problemas de André começam aí.

Com excelente roteiro, o filme inova desde o início, pelo uso de animações nos créditos de abertura, em que as letras imitam uma fotocopiadora.

**Direção e roteiro:** Jorge Furtado

**Diretor Assistente:** Ana Luiza Azevedo

**Fotografia:** Alex Semambi

**Inspiração:** Recheado de relações intertextuais e brincando com múltiplas linguagens, o roteiro inspira-se num jogo de revela-esconde entre original e cópia, demonstrando a tese do diretor Jorge Furtado de que "só a vida é original...o resto é cópia".

**Montagem:** Giba Assis Brasil

**Direção de Arte:** Fiapo Barth

**Direção de Animação:** Allan Sieber

**Direção Musical e Execução:** Leo Henkin

**Direção de Produção:** Marco Baiotto

**Produtor Executivo:** Nora Goulart e Luciana Tomasi

**Assistente de Produção:** Débora Peters

**Desenho de produção:** Marco Baiotto

**Produção de Elenco:** Cynthia Caprara

**Figurino:** Rosângela Cortinhas

**Cenografia:** Sílvia Guerra

**Elenco:** Lázaro Ramos, Leandra Leal, Luana Piovani e Pedro Cardoso.

**Participação especial:** Paulo José. **Figurantes:** 300.

**Duração:** 123 minutos. **Duração da filmagem:** 24/09/2001 a 10/11/2001

**Ano de lançamento no Brasil:** 2002

**Estúdio:** Casa de Cinema de Porto Alegre

**Site oficial:** [www.ohomemquecopiava.com.br](http://www.ohomemquecopiava.com.br)

**Premiações:** - Ganhou 6 prêmios no Grande Prêmio Cinema Brasil, nas seguintes categorias: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator Coadjuvante (Pedro Cardoso), Melhor Atriz Coadjuvante (Luana Piovani), Melhor Roteiro

Original e Melhor Montagem. Foi ainda indicado nas categorias de Melhor Ator (Lázaro Ramos) e Melhor Direção de Arte. - Ganhou os prêmios de Melhor Filme (Prêmio do Público e Prêmio Especial do Júri), no Festival de Cinema Brasileiro de Paris.

### **O HOMEM QUE COPIAVA**

*A vida é original ... o resto é cópia.*

**O homem que copiava** (Jorge Furtado, 2001) é desenvolvido em torno da máxima *A vida é original... o resto é cópia*, epígrafe que se desdobra em todo o filme, reiterando a genialidade — já consagrada em *Ilha das Flores* — do diretor e roteirista gaúcho Jorge Furtado. Se de cópias trata o filme, André (interpretado por Lázaro Ramos, excelente), o protagonista, tem o mesmo nome que o pai. Cardoso, amigo de André, é dupla cópia: no filme não se sabe seu nome. É chamado sempre pelo sobrenome, o mesmo do ator que o interpreta, Pedro Cardoso. Além disso, no jeito malandro-simpático de querer levar vantagem em tudo, é cópia de Agostinho, de *A grande família*, personagem segunda-pele de Pedro Cardoso. Jorge Furtado brinca com uma questão que serve de tema para discussões acadêmicas e, ao mesmo tempo, faz refletir sobre ela: a arte copia a realidade ou cria uma supra-realidade? Reforçando a idéia da cópia, nos créditos de abertura, os nomes dos atores são animações; as letras aparecem na tela como se estivessem sendo fotocopiadas naquele momento. Desse modo, o público já poderá se preparar para o jogo de diferentes linguagens — fotografia, animação, ilustrações, quadrinhos — imbricadas em truncagens, cópias e colagens sobrepostas, que formam a composição visual do filme. A idéia de cópia se adere ao personagem nuclear André que, enquanto opera a fotocopadora, lê rapidamente os textos que vão sendo copiados e adquire, assim, aos pedaços e de forma fragmentada, conhecimentos esparsos e inúteis.

O título do filme, **O homem que copiava**, lembra **O homem que calculava**, livro de Malba Tahan (pseudônimo do professor Júlio César de Mello e Souza, que viveu de 1895 a 1974; a primeira edição do livro é datada de 1946). Essa curiosidade poderá ser discutida em sala de aula. Nos dois títulos, a ação copiava/calculava é mais importante que seu agente, que aparece indefinido pelo genérico "o homem". Enquanto no livro de Malba Tahan, o protagonista Bereniz Samir, um árabe viajante do deserto, resolve qualquer tipo de problema dos outros manejando os números com a facilidade de um ilusionista, no filme de Jorge Furtado o protagonista André precisa resolver um problema que, de início, é só dele: conseguir R\$ 38,00 para se aproximar da amada. A resposta para essa questão, entretanto, acaba gerando outros problemas e envolvendo outras pessoas. Tanto André (o homem que copiava) como Bereniz (o homem que calculava) resolvem com transparente simplicidade os problemas que num primeiro momento parecem não ter solução. Acaba aí o diálogo entre o livro e o filme, pois enquanto para obter êxito, Bereniz usa o raciocínio matemático, chegando à resolução dos problemas sem lançar mão de fórmulas prontas e mecânicas, André falsifica, rouba e mata. Enquanto as páginas de **O homem que calculava** têm caráter explicitamente educativo e, por isso, são impregnadas de moralismo e de intenções edificantes, **O homem que copiava** não coloca em questão a ética, a moral ou a ordem legal. Numa lógica em que os fins justificam os meios, não há lugar para falsos moralismos: o que importa é ser feliz. É o que desejam André, Cardoso, Sílvia e Marinês, os quatro personagens do filme. Eles são pobres, sonhadores e querem se dar bem na vida, desejam ser felizes a seu modo. ("Pobreza é isso: destino ou burrice", diz Marinês. "Pai pobre é destino, agora marido pobre é burrice"). Não há como não

torcer por eles. É como se Jorge Furtado resgatasse para o cinema sua função inicial, de entretenimento: ele não tem que ser didático nem dar lições de comportamento.

O filme, uma comédia romântica inteligente, com atores de primeira linha e em grande momento, tem alguns pontos que merecem especial destaque:

### **1- A vida é original ... o resto é cópia**

O roteiro é montado em cima da epígrafe *A vida é original... o resto é cópia*. Para provar essa tese, quadros, falas e situações se repetem na montagem da película.

A primeira cena, num caixa de supermercado, mostra o quanto André é pobre: não tem R\$ 12,50 para pagar minguadas compras. Por isso, devolve a carne, produto de maior preço entre os que comprara. Assim, poderá ficar com os fósforos que precisa levar de qualquer jeito. A seqüência dessa cena mostra o motivo pelo qual necessita dos fósforos: num terreno baldio, ele os usa para queimar várias notas de R\$ 50,00. Esse início, na verdade uma das cenas finais do filme, antecipa parte da forma encontrada por André para resolver seus problemas.

Corte para a segunda cena, que poderia começar a história. A estrutura narrativa, com a voz de André em *off*, é semelhante à do curta-metragem *Ilha das Flores*, do mesmo Jorge Furtado. A cena mostra André trabalhando. Por aí começamos a conhecê-lo. Antes mesmo de ele dizer o que faz, já é possível imaginar, pois, numa fala, ele antecipa: "Roosevelt foi presidente dos Estados Unidos, ele era casado com uma gordinha que era prima dele. Ele ficou muito conhecido por causa da Doutrina Roosevelt, *que não deu tempo de eu ler o que era.*" Mais adiante, ele dirá: "Eu trabalho nesta papelaria, *sou operador de fotocopiadora*". Diz isso pomposamente, para esconder que, na verdade, o que ele faz é tirar xerox e, para isso, só precisa apertar dois botões — *start, stop, start, stop, start, stop*. É tarefa repetitiva e mecânica: "*Quando o papel acaba, tu abre aqui, baixa esse negócio, abre a gaveta e põe o papel. Primeiro tu solta bem o papel, para não grudar. É só segurar, dobrar, soltar. Segurar, dobrar, soltar.*"

No exercício dessa função, adquire uma vasta cultura inútil, constituída nas rápidas leituras de pequenos trechos das páginas que a máquina reproduz. É também com voz em *off* que começamos a conhecer a vida de André: seu lazer — fazer ilustrações e bisbilhotar o que se passa no interior dos apartamentos da vizinhança, usando um binóculo comprado com o dinheiro de um ano de economias; sua história — o pai abandonou a família, ele mora com a mãe e foi expulso da escola; e sua paixão — Silvia, que gosta de ler, é tão pobre quanto ele e mora com o pai ou padrasto, ela não tem bem certeza.

Figura apagada, as ações da mãe de André se reproduzem em mecânicas cópias diárias, que o rapaz repete de cor: "*Minha mãe arrasta o chinelo do banheiro para a cozinha. Schlac, schlac, schlac, schlac. Abre o armário, pega um copo, fecha o armário, abre a geladeira, pega a garrafa d'água, fecha a geladeira, enche o copo, não todo, a metade, abre a geladeira, guarda a garrafa, pega o copo, abre o filtro, enche o copo, fecha o filtro, arrasta o chinelo da cozinha pro quarto e diz: Boa noite, meu filho, eu vou deitar. Televisão me dá um sono.*"

Roteiro e montagem se casam em repetições que formam um todo harmonioso. Dessa forma, ressaltando a idéia da cópia, do fato já vivido e revelado, do *déjà vu*, os elementos que compõem as cenas da morte do Feitosa e do Antunes (personagens que devem morrer para o quarteto principal ser feliz)

aparecem em momentos anteriores aos olhos do espectador atento, que pesca detalhes. Será interessante que o professor, depois de visto o filme pelos alunos, volte ao início, à primeira cena de André no próprio quarto, quando ele mostra sua rotina ao chegar em casa: ele liga a tevê, tira o som e vê um pouco de tudo. Em imagens mudas, no fundo, a tela da tevê mostrará uma bomba explodindo um prédio (a morte o Antunes) e o Rio de Janeiro, cidade onde o quarteto, sem culpas, vai curtir o prêmio da loteria e onde Sílvia marca encontro com o homem que ela julga ser seu verdadeiro pai (vivido pelo ator Paulo José). Mostrará ainda o cenário da morte do Feitosa: a ponte sobre o rio Guaíba se abrindo para um navio passar, alguém se jogando da ponte, uma pessoa morrendo espetada em estacas. Enfim, cenas que vão se repetir no final do filme, para dar cumprimento o plano de André.

Também na cena em que André toma café num bar, ele distraidamente espeta palitos num açucareiro, fazendo lembrar as estacas que atravessam o corpo de Feitosa quando ele se joga da ponte para alcançar André, que o enganara. As estacas, aliás, aparecem como que casualmente, no fundo do cenário, quando André se despede de Sílvia, às margens do Guaíba.

## **2- A composição de um roteiro com diferentes linguagens**

As mudanças no foco narrativo constituem um dos pontos altos do filme. Na primeira parte, a história é contada por André que, com voz em *off*, faz a auto-apresentação: ele é um típico jovem brasileiro de classe média baixa, sem dinheiro e sem perspectivas, que sonha com o amor de Sílvia. Na segunda parte da narrativa, quando a ação começa realmente a se desenvolver, a voz em *off* diminui. No desenvolvimento da ação, André cresce: ele não hesita em transgredir regras para realizar seus sonhos. E, no final, com a voz em *off*, Sílvia conduz a narrativa e, por ela, o público vê a trama repetida, copiada agora sob um novo enfoque, o feminino.

Propondo uma reflexão sobre as formas alternativas de que as pessoas lançam mão para se dar bem na vida, o roteiro leva o público a tomar o partido do quarteto André, Cardoso, Sílvia e Marinês e a encarar fatos como falsificação de dinheiro, assalto a carro forte e assassinatos como acontecimentos naturais no meio social onde as personagens circulam. Porque precisa de R\$ 38,00 para se aproximar de Sílvia, André falsifica dinheiro — aliás, o diretor mostra aí que a ocasião faz o ladrão: a rotina do rapaz é fazer cópias, que se aproximam da perfeição quando a papelaria onde ele trabalha começa a operar com máquina que tira cópias coloridas. Mais tarde, André assalta o carro forte de um banco a fim de conseguir um bom dinheiro que lhe permita casar com a namorada e, dessa forma, livrá-la do pai mau caráter. Posteriormente, o rapaz mata para apagar as pistas da falsificação e do roubo. Tudo é apresentado de forma muito natural, tal como se resolvem fatos corriqueiros do dia-a-dia. Tudo dá certo e nada choca, porque o público torce pelos que são pobres, excluídos e lutam desesperadamente para ter uma vida melhor. E, além disso, quem são as vítimas de assassinato, afinal de contas? Feitosa é traficante e Antunes, o pai de Sílvia — que aliás pode nem ser seu verdadeiro pai — é tarado e um escroto, como ela mesma o define. Feitosa e Antunes são mortos porque sabem a verdade: Antunes presenciou o assalto ao banco, levou até um tiro na perna; Feitosa vendeu a André a arma a ser usada no assalto, recebeu por essa venda dinheiro fabricado na fotocopiadora, usou-o e foi preso como falsário. André, entretanto, por ironia ou obra do destino (“Pobreza é isso: ou destino ou burrice”, dizia Marinês), ganhou na loteria quando fez um jogo para poder trocar as notas falsas. Não necessitando mais do produto do assalto — aliás notas marcadas que nem podem ser usadas — o rapaz tem um problema para resolver, antes de

poder gozar plenamente do prêmio da loteria e viver o seu amor: precisa livrar-se dos dois chantagistas e do dinheiro roubado. O desfecho aparece então como uma consequência natural do desenvolvimento do enredo, sob a forma de um bem bolado plano no qual os dois chantagistas morrem e parte do dinheiro do assalto é achada com os corpos. A outra parte é queimada num terreno baldio. Para isso servem os fósforos da cena inicial, no supermercado.

Nada no filme é gratuito: os desenhos e as animações, por exemplo, situam-se nas reminiscências de André e contam sua história: no jogo entre destino e burrice, que a “filósofa” Marinês inaugura, o desenho animado mostra a parte do destino (quando ele está com 04 anos, o pai sai de casa como quem vai viajar e nunca mais volta) e a parte da burrice de sua vida (com 11 anos, é expulso da escola por causar a cegueira num colega em quem dera um soco). Em preto e branco, o sonho de ser craque no futebol. Combinando animação e fotocópia, a vetusta Dona Doutrina e Santa Cecília. No ofício de tirar cópias, André pesca uma frase aqui, outra ali, compondo uma cultura feita de recortes e colagens, que se repetem nas paredes forradas de seu quarto. Da janela de seu quarto, exercendo o voyeurismo, vê um gordo dançando. Para saber que música ele ouve, aborda-o numa locadora. Assim, na próxima noite, consegue juntar na cabeça, como numa edição mais refinada, a trilha sonora e os movimentos que o homem executa enquanto dança. Sem quebrar a narrativa, essa junção de elementos de variados gêneros e linguagens — cinema, histórias em quadrinhos, fotografia, ilustração, música, dança — dá ao filme um ar de novidade, de peça inaugural, que surpreende agradavelmente o espectador.

O filme não segue uma ordem cronológica: existem cenas que se repetem várias vezes, não necessariamente em flash-backs, pois o roteiro não segue uma única linha de tempo. A questão temporal e a do ponto de vista da narrativa são dois aspectos que merecem ser explorados pelo professor.

### 3- As relações intertextuais

**O homem que copiava** é recheado de referências literárias e cinematográficas, como **Janela Indiscreta** (Alfred Hitchcock), filme dos anos 50, clássico do voyeurismo. Em entrevista que acompanha o dvd do filme, Jorge Furtado faz referência a uma aludida citação de Millôr Fernandes: “*quando tu copia alguém é plágio, quando tu copia trezentas pessoas é pesquisa*”. Mais adiante, ele afirma: “*Eu acho que não tem nenhuma cena neste filme que não tenha algum tipo de ligação com outra ou com referência a algum outro filme ou algum autor.*” Segundo o próprio diretor, o filme apresenta referências de **Não amarás** (De Krzysztof Kieslowski, Polônia/1991), no qual uma luneta simboliza a paixão de um rapaz por uma mulher e uma janela representa a transição para o universo alheio. O temperamento de André, rapaz de pouca fala e mundo interior bastante complexo, lembra o personagem Tom Sawyer (Mark Twain). O filme aproxima-se ainda de **Ilha das Flores** (Jorge Furtado, 1989), no sentido de que ambos apresentam cenas muito curtas, com muitas referências plantadas em cada uma (Hamlet, de Shakespeare e Don Quixote, de Miguel de Cervantes, por exemplo, em **O homem que copiava** — referências que valem a pena o professor garimpar com os alunos).

### 4- As relações raciais

O protagonista, André, é vivido pelo ator Lázaro Ramos, negro. Todos os que gravitam à sua volta são brancos. Negro, pobre e sem estudos, André sintetiza os dados do SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica – realizado pelo INEP/MEC em 2003, dando conta de que os alunos negros são excluídos prematuramente da escola. No Brasil, país cuja população dominante

(44%) tem origem africana, as desigualdades raciais manifestam-se desde a escola, pois apenas a metade das crianças negras matriculadas na 4ª série do Ensino Fundamental chega ao Ensino Médio. Os negros abandonam a escola ou são dela expulsos. André se encaixa na segunda alternativa. No início do filme, ele fala sobre o motivo: contou a um colega, Mairoldi, sobre sua desconfiança de que o pai, que tinha ido viajar, não mais voltaria. O amigo perguntou-lhe quando o pai viajara. “Faz sete anos.” — respondeu. Mairoldi riu de sua ingenuidade, ao que André revidou com um soco, cegando-o. Num jogo de intersecção de linguagens, um desenho animado mostra a cena, enquanto André narra, em *off*: “Ele começou a rir, rir muito. Ele ficou cego de um olho. Essa foi a parte da burrice. Foi o meu último dia no colégio. Eles me expulsaram. É, eu também não queria mais ir”. A conclusão de André vai na linha da raposa da fábula, que não conseguindo alcançar as uvas que deseja, desdenha-as, dizendo que estão verdes. Assim, expulso da escola, André parece não se arrepender e diz que não queria mesmo freqüentá-la mais. Há embutida nessa fala a crítica a uma escola que nada tem a oferecer, além de uma cultura que, nas suas práticas cotidianas, desconsidera a diversidade cultural brasileira. Sob essa ótica, outra questão se impõe: Mairoldi é branco e André, negro. Se fosse o contrário, a escola daria ao agressor nova oportunidade? É uma questão a ser discutida, principalmente porque a escola, como micro-organismo da sociedade, tem dificuldades em cumprir o princípio de que “todos são iguais perante a lei”.

Embora tenha escolhido um negro para o papel central, no decorrer da trama, Jorge Furtado parece ignorar esse fato. Com 20 anos de idade, André faz o que quer e é o que é, independentemente de ser branco ou negro. Nunca a cor de sua pele é citada, nem mesmo nas vezes em que é xingado por Feitosa. Ponto para Jorge Furtado, que assim inaugura uma nova ordem no cinema nacional, sempre tão cheio de exemplos de xingamentos que revelam atitudes preconceituosas em relação à cor da pele das pessoas. A narrativa mostra personagens que se movimentam num mundo onde a cor da pele não faz diferença. Ao espectador é que ficam algumas questões: se fosse branco, André seria expulso da escola? Se não fosse expulso, sua vida teria tido outro rumo?

### **Sugestões de atividades com alunos**

O filme poderá ser trabalhado em classe de formas variadas e combinadas. Se achar interessante, o professor poderá primeiramente apresentar o diretor Jorge Furtado, num outro trabalho, o curta *Ilha das Flores*, reconhecido internacionalmente. Poderá ir parando o filme e destacando aspectos relevantes para discussão. Ou ainda, deixar que a classe assista ao filme todo e, depois, abrir espaço para um debate. O filme é riquíssimo e apresenta várias possibilidades de trabalho. Registramos, a seguir, algumas delas:

#### **1- O título**

O professor poderá, antes de começar a sessão, trabalhar o título e perguntar aos alunos o que esperam de um filme com esse nome. Chamará a atenção para o fato de que o verbo *copiar* supõe um complemento (quem copia, copia alguma coisa). Poderá, então, pedir aos alunos que façam uma lista de possíveis complementos para o verbo *copiar*. Essa questão deverá ser retomada ao final do filme para confirmação/negação das hipóteses levantadas. Nesse segundo momento, será importante destacar que, no título, o verbo vem sem complemento, porque, como operador de fotocopiadora, o protagonista copiava tudo, não importava o quê; ou seja, por não ser importante, o objeto da ação de

copiar não aparece no título. Só terá importância quando André começar a copiar cédulas de R\$50,00.

Antes de passar o filme, o professor poderá também chamar a atenção dos alunos para a forma verbal *copiava*, no pretérito imperfeito do indicativo, um jeito de dizer que uma ação, que acontecia habitualmente no passado, não ocorre no presente. Os alunos poderão levantar hipóteses a respeito dos motivos que poderiam levar o homem do título a não mais realizar o que antes fazia, ou seja, *copiar*.

## 2- A epígrafe

Uma atividade interessante será propor à classe que assista ao filme mais uma vez, agora com a finalidade de identificar pistas — objetos, fatos, quadros e cenas — que reforcem/ anulem a tese de que *a vida é original... o resto é cópia*.

Os alunos poderão também montar outro roteiro para defender/negar a tese de que “só a vida é original ... o resto é cópia”. Depois, é só ensaiar e representar; ou então, apresentar esse roteiro misturando múltiplas linguagens numa colagem interessante e original. Para isso, valem os recursos da fotomontagem, das cópias coloridas e em preto e branco, das ilustrações, das animações, das histórias em quadrinhos etc.

## 3- O enredo

O professor poderá propor que os alunos argumentem sobre algumas das idéias em torno das quais o filme foi construído. Para isso, partirá de algumas citações populares eivadas de preconceito e que aparecem no filme, como: “Pai pobre é destino, agora marido pobre é burrice.” “Pobreza é isso: ou destino ou burrice.”

Ou proporá questões, como: Até onde você iria para conseguir um dinheiro de que precisasse muito? Quais os limites de cada um em questões relativas à ética? A moral é relativa? Os fins justificam os meios?

Outra atividade interessante será completar o poema de Shakespeare, citado no filme, ilustrando-o e apresentando-o num sarau literário. Que música será melhor para o fundo musical dessa apresentação?

Ainda uma outra atividade: modificar o ponto de vista da narrativa, que será contada, por exemplo, pelo Feitosa.

O anjo, que “salva” André de algumas situações, dará uma boa discussão, indo das simpatias populares à religiosidade dos alunos.

No campo da linguagem, o professor poderá discutir com os alunos as diferenças entre o oral e o escrito e o preconceito que discrimina as variantes lingüísticas que se afastam da norma culta da língua portuguesa.

## 4- As relações raciais

Logo depois da cena em que André narra o motivo pelo qual é expulso da escola, o professor poderá fazer uma pausa no filme e perguntar: se fosse branco, ele seria expulso? Essa questão servirá de mote para uma conversa a respeito das etnias que formam a população brasileira.

Na seqüência, o professor poderá promover uma discussão sobre as relações sociais dentro da escola, perguntando: você já se sentiu discriminado ou foi vítima de preconceito por causa da cor da sua pele, na escola ou em outro ambiente social? Dar vez e voz aos alunos afrodescendentes contribuirá para desnudar as situações de racismo existentes no ambiente escolar.

Será interessante também propor uma pesquisa sobre as etnias que formam o Brasil, valorizando aspectos da história e da cultura desses povos.

Uma consulta rápida à Internet auxiliará na atividade seguinte: uma análise dos mapas raciais do Brasil, revelando que a cor da pele tem peso e faz a diferença no mercado de trabalho.

**Sueli de Oliveira Rocha** é licenciada em Letras, com especialização em Literatura Comparada, Teoria da Literatura, Lingüística e Língua Francesa. É professora universitária (Unaerp/Guarujá) e coordenou o Programa de Leitura da Petrobras em São Paulo, pelo Leia Brasil, ONG de promoção da leitura; também foi membro do conselho editorial dos jornais Bolando Aula, Bolando Aula de História e Subsídio e da equipe pedagógica do Grubbas Projetos Educacionais e Culturais.

**Esse texto foi publicado originalmente em 2007, e integra a obra Negritude, Cinema e Educação, de Edileuza Penha de Souza**